

AINDA É FUNDAMENTAL REFLETIR SOBRE AS INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA À SAÚDE

IT IS STILL ESSENTIAL TO REFLECT ON HEALTHCARE-ASSOCIATED INFECTIONS

Sarah Raquel Jucá Barbosa

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Rafaela de Fátima Mendes dos Santos

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Thais Magalhães Rodrigues

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

Camila da Silva Gomes

Discente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, Fortaleza, Ceará. Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Redenção, Ceará.

Link do ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

CONTEÚDO REFLEXIVO

O conceito de infecção abrange todo e qualquer processo infeccioso, ou seja, o desenvolvimento ou multiplicação de um agente infeccioso. Trata-se de um grave problema, que demanda da equipe de enfermagem o cumprimento rigoroso dos protocolos e processos de segurança, visando garantir o cuidado e o bem-estar dos pacientes. Esse compromisso é essencial para evitar infecções cruzadas ou hospitalares (Campos & Oliveira, 2024; Camargo et al., 2021).

A análise deste tema remonta à época de Florence Nightingale, precursora da Enfermagem Moderna. Durante a guerra, as enfermarias encontravam-se em condições precárias, sem conforto ou medicamentos, oferecendo assistência insuficiente devido à falta de recursos e transporte. Esse cenário resultava em inúmeros casos de infecção pós-

operatória. Florence implementou critérios simples, como a individualização dos utensílios dos pacientes, o preparo de dietas adequadas e a higienização das mãos. Essas medidas reduziram significativamente a taxa de mortalidade da instituição (Breigeiron, Vaccari & Ribeiro, 2021).

No contexto atual, os enfermeiros, como protagonistas no cuidado aos pacientes, precisam adotar condutas prudentes. É frequente que estudos apontem as mãos dos profissionais de saúde como vetor de surtos infecciosos (Akutagava, 2019; Figueiredo, 2006). As mãos, especialmente na transmissão de microrganismos multirresistentes, são o principal elo entre um paciente colonizado e a contaminação de outro (Campos & Oliveira, 2024). Assim, a higienização adequada, com técnicas e produtos corretos, é fundamental para prevenir a disseminação.

Florence Nightingale descreveu a Enfermagem como “uma arte que exige devoção exclusiva e preparo rigoroso, comparável a qualquer obra de pintor ou escultor, mas com a complexidade de lidar com o corpo vivo, o templo do espírito de Deus.” Este pensamento reflete a essência e a responsabilidade da profissão.

O papel do enfermeiro no controle de infecções hospitalares é de extrema importância, pois ele mantém o contato mais próximo com os pacientes. Segundo o Ministério da Saúde, infecções hospitalares são adquiridas após o acolhimento do paciente na unidade e podem manifestar-se durante a internação ou após a alta, desde que relacionadas ao período hospitalar (Camargo et al., 2021; Figueiredo, 2006). Algumas dessas infecções são preveníveis, podendo ser interrompidas pela adoção de medidas adequadas, enquanto outras ocorrem mesmo diante de precauções, especialmente em pacientes imunossuprimidos (ANVISA, 2023; Akutagava, 2019).

O termo “infecções hospitalares” tem sido substituído por “infecções relacionadas à assistência à saúde (IRAS)”, abrangendo infecções associadas a qualquer tipo de atendimento ao paciente, seja em hospitais, clínicas ou serviços especializados (Campos & Oliveira, 2024). No Brasil e no mundo, as IRAS representam um sério problema sanitário. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, em países desenvolvidos, 7% dos pacientes internados em UTIs adquirem ao menos uma IRAS, taxa que sobe para 15% em países de baixa e média renda. Desses, 1 em cada 10 pacientes afetados morre em decorrência da infecção. No caso de microrganismos resistentes, a mortalidade pode atingir de 20% a 30% (ANVISA, 2023).

A prevenção das IRAS está diretamente associada à contenção da resistência microbiana nos serviços de saúde. Práticas como a higiene frequente e adequada das mãos podem prevenir até 70% dessas infecções. A transmissão cruzada de microrganismos multirresistentes, frequentemente vinculada ao contato com superfícies ou profissionais contaminados, é uma das principais causas de infecções hospitalares (Camargo et al., 2021).

Nesse contexto, é essencial informar e orientar pacientes, acompanhantes e visitantes sobre medidas de prevenção durante a internação. O enfermeiro desempenha papel central ao aplicar técnicas e rotinas que previnem e minimizam infecções nas unidades hospitalares. Além disso, sua atuação na Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) é vital, englobando atividades como supervisão de materiais e processos, práticas educativas e estudos para atualização profissional.

A formação técnica e científica do enfermeiro exige atenção às práticas bacteriológicas de desinfecção e esterilização, além de participação ativa na CCIH. A escolha de um representante de enfermagem na equipe de controle de infecções é crucial para garantir a efetividade das ações. A educação continuada, baseada na discussão e reflexão em grupo, é uma estratégia eficiente para promover mudanças comportamentais, reduzindo as altas taxas de infecções hospitalares e melhorando a qualidade do cuidado.

O enfermeiro é peça fundamental na CCIH, com impacto significativo na comunidade hospitalar e, principalmente, nos pacientes. Suas ações contribuem para um cuidado mais eficiente e para a valorização da profissão pela sociedade.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. **15 de maio é Dia Nacional do Controle das Infecções Hospitalares**. Ministério da Saúde, Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/2023/15-de-maio-e-dia-nacional-do-controle-das-infeccoes-hospitalares>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

AKUTAGAVA, J. C. **O papel do enfermeiro no controle da infecção hospitalar**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) Faculdade Inesul, Londrina, 2019. Disponível em: https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol_64_1568646906.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2024.

BREIGEIRON, M. K.; VACCARI, A.; RIBEIRO, S. P. Florence Nightingale: legacy, present and perspectives in COVID-19 pandemic times. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, n. 1, p. e20201306, 2021. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-1306>

CAMPOS, M. L. T.; OLIVEIRA, P. C. **Prevenindo IRAS: a importância da higienização das mãos para técnicos de enfermagem**. 2024. Trabalho de conclusão de curso (Técnico em Enfermagem) - Etec Prof. Carmine Biagio Tundisi, Centro Paula Souza, Atibaia, 2024.

CAMARGO, G. S. *et al.* Infecção Hospitalar Relacionada à Assistência de Enfermagem: Uma Revisão Integrativa. **Enfermagem: desafios e perspectivas para a integralidade do cuidado**, v. 1, p. 202-212, 2021.

CANSIAN, T. M. A enfermagem e o controle da infecção cruzada. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 412-422, 1977. <https://doi.org/10.1590/0034-716719770004000009>

FIGUEIREDO, C. H. **Controle de infecção cruzada na atenção básica em saúde bucal no município de fortaleza**: uma análise crítica. 2006. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2006. Disponível em: <https://www.uece.br/wp-content/uploads/sites/37/2009/10/ceciliaholanda-2006.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2024.